



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 22 de setembro de 2022

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Na quarta-feira	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,52% São Paulo	109.280	R\$ 1.212	R\$ 5,173 (+ 0,4%)	R\$ 5,094	13,65%	13,72%	1,06 0,47 0,67 -0,68 -0,36
1,7% Nova York	16/9 19/9 20/9 21/9						

CONJUNTURA / Decisão, tomada a 10 dias do primeiro turno das eleições, era esperada pela maioria dos analistas. Banco Central alerta que Selic de 13,75% ao ano será mantida por tempo prolongado e não descarta retomada de aumentos no futuro

BC interrompe ciclo de elevação dos juros

» RAFAELA GONÇALVES

Em um cenário de desaceleração da inflação, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central decidiu manter a taxa básica de juros, a Selic, nos 13,75% ao ano em vigor desde o início de agosto. Com isso, a autoridade monetária interrompeu um ciclo de 12 altas seguidas na taxa, iniciado em março do ano passado. A manutenção veio em linha com o projetado pela maioria dos analistas de mercado, mas a decisão era aguardada com expectativa, já que faltam 10 dias para as eleições e o aumento de juros é considerado uma medida impopular.

Desde julho, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou dois meses seguidos de deflação. O índice recuou sob influência da redução de impostos sobre energia, combustíveis e serviços de telecomunicações, além dos sucessivos cortes da Petrobras nos preços da gasolina e do diesel e da queda das cotações do petróleo no mercado internacional.

A decisão por manter o patamar dos juros, no entanto, não foi unânime. Dois dos sete membros do Copom votaram por uma elevação residual de 0,25 ponto percentual, que levaria a Selic para 14% ao ano.

Apesar de encerrar o ciclo de alta, o BC afirmou, em comunicado, que a Selic deve permanecer no atual patamar por período suficientemente prolongado para levar o IPCA às metas definidas pelo governo, que são de 3,25% para 2023 e de 3% para 2024. “A inflação ao consumidor, apesar da queda recente em itens mais voláteis e dos efeitos de medidas tributárias, continua elevada”, avaliou o Copom, em nota distribuída após a reunião. “As medidas de inflação subjacente continuam acima do intervalo compatível com o cumprimento das metas.”

Por entender que ainda há riscos inflacionários significativos, o colegiado deixou a porta aberta para voltar a subir a taxa, caso seja necessário. Entre os riscos de alta do IPCA, o BC destaca a persistência das pressões inflacionárias globais e incerteza sobre o equilíbrio das contas públicas, e a eventual adoção de estímulos fiscais adicionais. “O Comitê enfatiza que

os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados, e não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como esperado”, diz o comunicado.

Segundo o sócio-gestor do Ártica Long Term FIA, Ivan Barboza, a deflação registrada nos últimos dois meses não sustenta ainda uma redução da Selic. “Os juros devem ser mantidos altos por mais algum tempo. A queda do IPCA teve um efeito pontual da redução de ICMS de combustíveis, mas ainda é cedo para dizer que a inflação já está encaminhada para o centro da meta. A taxa deve ser mantida no mesmo patamar até que o BC tenha conforto de que a inflação está sob controle”, afirmou.

Vigilância

Na nota, o Copom não sinalizou quando deve começar a baixar os juros. “O Comitê se manterá vigilante, avaliando se a estratégia de manutenção da taxa básica de juros por período suficientemente prolongado será capaz de assegurar a convergência da inflação”, diz o texto. As estimativas do IPCA para este e o próximo ano continuam muito acima do teto da meta, mesmo com a desaceleração dos preços. A autoridade monetária já indicou que só prevê a volta da inflação à meta em 2024.

“Entendemos que a barra para uma alta adicional em 2023 é alta, e a estratégia do BC foi de trazer uma mensagem dura para evitar que a curva de juros passe a antecipar um corte prematuro da taxa no começo do próximo ano. Esperamos que os juros fiquem parados até meados do ano e que terminem 2023 em cerca de 11%”, avaliou a economista-chefe da Tenax Capital, Débora Nogueira.

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Braga de Andrade, avaliou a decisão do Copom como acertada, considerando que juros altos podem desacelerar o crescimento da atividade econômica no segundo semestre de 2022 e limitar significativamente o crescimento em 2023, quando as previsões para o Produto Interno Bruto (PIB) indicam alta de apenas 0,5%.

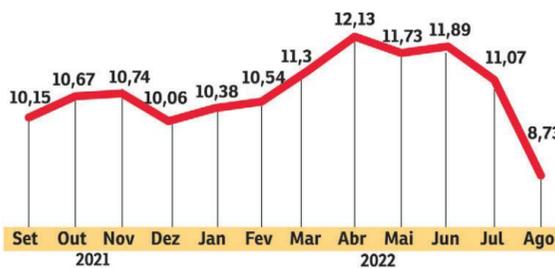
Mudança de rota

Copom mantém Selic em 13,75% ao ano e encerra maior ciclo de alta dos juros em 23 anos

TAXA BÁSICA DE JUROS
Selic (% ao ano)



INFLAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (em %)



Fontes: BC e IBGE.



Os juros devem ser mantidos altos por mais algum tempo. A queda do IPCA teve um efeito pontual da redução de ICMS de combustíveis, mas ainda é cedo para dizer que a inflação já está encaminhada para o centro da meta"

Ivan Barboza,
sócio-gestor do Ártica Long Term FIA

Nos EUA, taxas têm forte alta

Em direção contrária à do Banco Central brasileiro, o Federal Reserve (Fed), autoridade monetária dos Estados Unidos, aumentou as taxas básicas de juros do país em 0,75 ponto percentual, para a faixa de 3% a 3,25%. Foi a quinta vez neste ano que os juros subiram por lá. Com o aumento, foi mantido o ritmo de alta das duas reuniões anteriores, que já era o maior desde 1994.

O comunicado distribuído após a reunião indicou que o Fed deve continuar elevando a taxa nas próximas reuniões, mesmo que isso prejudique o mercado de trabalho.

“O Comitê estará preparado para ajustar a orientação da política monetária conforme apropriado caso surjam riscos que possam impedir o alcance de seus objetivos”, diz o texto. A média das projeções dos dirigentes

do Fed aponta para juros em 4,4% ao final de 2022, o que pode provocar forte desaceleração da economia dos EUA, com reflexos em todo o mundo.

“Nós entendemos que o juro terminal mais elevado sinalizado pelo Fed hoje combina com um risco crescente de recessão no próximo ano, mas o momento exato desse arrefecimento da economia é difícil de se precisar”, observou a economista-chefe da Tenax Capital, Débora Nogueira.

Em pronunciamento após a reunião, o presidente do Fed, Jerome Powell, reforçou o compromisso de reduzir a inflação para a meta de 2%. Em agosto, o índice anual chegou a 8,3%. “Estamos mudando nossa postura política propositalmente”, declarou Powell, que voltou a dizer que a estabilidade de preços é uma prioridade e, sem ela, a economia não funciona.

O Fed indicou que vai depender de novos dados para decidir os passos seguintes da política monetária. “Em algum momento vai ser apropriado reduzir o ritmo de alta de juros”, afirmou Powell, reforçando, porém, que uma política monetária mais restritiva será necessária por mais tempo. “Para reduzir juros, precisamos estar confiantes de que a inflação está desacelerando”, destacou Powell.

Um dos principais efeitos da alta na taxa de juros americana se dá sobre os ativos brasileiros, que se tornam menos atraentes para os investidores estrangeiros. O câmbio também é diretamente atingido pela escalada da taxa básica de juros definida pelo Fed. O maior volume de investimento nos EUA leva à valorização do dólar em relação a outras moedas, especialmente aquelas dos países emergentes. (RG)

CADA UM NO SEU QUADRADO.






TÔ NUMA BOA. TÔ DE **JIMNY SIERRA**

JIMNYSIERRA.COM.BR

JUNTOS SALVAMOS VIDAS.

Tech and Soul